

CONTO

A estadia

Paula Eduarda Marconi

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

paula.eduardamarconi@gmail.com

Moravam em um trailer no meio do matagal. Dóres olhou o chão molhado com o líquido viscoso que saía de si. Sabia que chegara a hora de seu oitavo filho, a quem daria o nome de Augustia, mas não estava contente. Para ela, era apenas mais um.

As coisas sempre foram difíceis para sua mãe, que precisava trabalhar fora para garantir o sustento da família. Ficavam todos sós, sob a regência do irmão mais velho. Dóres não podia parar de trabalhar, era um dinheirinho suado necessário para manter os meninos. A dona da casa onde trabalhava como diarista não sabia da gravidez. Havia escondido de todas as formas possíveis para não perder o emprego e, por isso, não fez o resguardo como deveria. Trabalhava sempre sangrando, mas para ela o sangue já era tão natural que nem ligava mais. Ganhava da patroa duzentos reais, às vezes, roupas para as crianças; claro, as que não serviam mais para os filhos da patroa.

À noite, voltava caminhando pelas ruas frias e escuras, economizar era tudo. E agora, com uma nova criança, tornava-se ainda mais necessário.

Augustia, desde pequena, observava o sofrimento da mãe. À noite, ouvia os choros de Dóres sem entender o motivo de tanta dor. O pai, José, nunca vira seu rosto, ou melhor, vira, mas não conseguia recordar; parecia que uma nuvem escondia o que devia ser lembrado. Não eram próximos, até porque ele a rejeitava. Por ser branquinha e de olhos claros, tudo era ainda pior.

Quando mais velha, a menina resolveu experimentar as coisas da vida. Horas e horas fora de casa preocupavam a mãe, que já não conseguia controlá-la. Alucinógenos, maconha, cocaína... de tudo provou. Aos 14, engravidou de um traficante; não quis ter o filho e abortou. Vida que se foi para que a sua seguisse.

Aos 17, casou-se com Mário, homem bom, que lhe dava tudo. Não precisava trabalhar, apenas manter a casa limpa. Mas um dia algo mudou em seu olhar. Mário tinha ódio, um ódio incomensurável, que podia ser visto de longe, por todos.

Numa noite, o roxo pintou os olhos de Augustia. Mas não era nada demais, pois Mário era um homem bom. No outro dia, os lábios ficaram vermelhos, nada que um remedinho não curasse. Mário era um homem bom.

Até que, certa vez, ao olhar o chão molhado com o líquido viscoso que saía de si, Augustia soube que havia chegado a hora.

Mas Mário era um homem bom.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL7851-RXWM

Recebido

18 de novembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Moraes

Revisão

Lury Moraes

Paula Eduarda Marconi

Licenciada em Letras
Português-Inglês da Pontifícia
Universidade Católica do
Paraná (PUCPR). Mestranda

em Linguística da
Universidade Federal do
Paraná (UFPR).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/6153080408316135>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2192-6254>

Email:
paula.eduardamarconi@gmail.com